

Doze camponeses e um destino: trabalho, festa e devoção

* Maria Cristina Campos Ribeiro (FM, PG), cristinacampospiri@gmail.com
SEDUCE/ TECCER- UEG

Maria Idelma Vieira D'Abadia (PQ),
Pós Doutora em Geografia, TECCER/UEG

Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) pela Universidade Estadual de Goiás

Resumo:

Esta pesquisa parte do estudo de histórias de vida e memória coletiva, cujo fio condutor, são relatos de doze camponeses que nasceram e viveram na zona rural de Pirenópolis-Goiás, tendo, por razões diversas, migrado para a zona urbana onde residem na atualidade. A compreensão das formas de organização do trabalho nos mutirões rurais bem como, de suas representações simbólicas e percepção do lugar, através das lembranças relatadas, pode ajudar a compreender como e por qual razão, essa prática se perpetua na cidade, revelando aspectos históricos e sociais dessa solidariedade presente em lugares tão diversos. Busca-se também abordar as relações entre mutirões, festas, e devoção, uma vez que o trabalho dá materialidade tanto para os momentos festivos, quanto devocionais, imbuindo-se de sentidos múltiplos. A análise das relações de trabalho gestadas no campo e ressignificadas na cidade pode clarear importantes aspectos desse labor em que predomina, ainda hoje, a solidariedade e ajuda mútua.

Palavras-chave: Histórias de Vida. Trabalho. Mutirões. Pirenópolis

Introdução

Pirenópolis, cidade histórica localizada no interior goiano, foi um dos muitos núcleos populacionais que se desenvolveu a partir da exploração do ouro em meados do século XVIII, na Capitania de Goiás (CURADO, 2010, p.21). Com o fim do ciclo do ouro houve uma ruralização na qual a economia de subsistência se consolidou, bem como, formas diferenciadas de trabalho, entre elas, os mutirões (SANTOS, 20013, p.133).

Com a ruralização, esses indivíduos que se fixaram na zona rural, se adequaram e adaptaram a esse lugar a que chamaram de casa. Era o cerrado com características muito próprias, descrito e lembrado em histórias e canções, num cotidiano de muito trabalho, pois, “quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele o transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita, e se

adapta às coisas materiais que a ele resistem. Ele se fecha no quadro que construiu” (HALBWACHS, 1990, p. 92).

O estudo das relações de trabalho na forma de mutirões, através da história de vida de doze camponeses, no município de Pirenópolis e entorno, revela duas perspectivas importantes: espaço e tempo. Historicamente, a maneira como o mundo rural é percebido pelos camponeses revela a profunda ligação com a terra enquanto espaço próprio (BRANDÃO, p. 151, 1995), onde a vida se constrói a duras penas e muitas vezes com lutas para protegê-lo, bem como o direito de estar em casa (BACHELARD, 1988, p. 111). O tempo, em relação aos processos de fixação do homem rural, revela múltiplas temporalidades e descontinuidades em que antigos mutirões ainda acontecem na atualidade, havendo práticas que desapareceram ou foram ressignificadas. A memória estabelece a ponte entre espaço e tempo dando clareza às narrativas e representações individuais e coletivas, dessas medidas tão subjetivas. Essa memória tanto se volta para ações e hábitos forjados ao longo da vida quanto, simplesmente, na reminiscência do passado: “mas o ancião não sonha quando rememora, desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o meio ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente, alargando suas margens” (BOSI, 2004, p. 82)

O modo como os indivíduos se relacionam com a natureza, lugar e trabalho, está diretamente ligado à maneira como se estabelecem os diferentes modos de vida na zona rural. O trabalho mediatiza a relação entre sujeito e lugar, adquirindo sentidos múltiplos: assegurar a sobrevivência, fortalecer a ação e vínculos sociais (ARENDT, 2007, p. 16), onde as longas distâncias não impedem os encontros para trabalhar, orar e festejar.

O trabalho coletivo denominado mutirão, pelos partícipes desta pesquisa, representa um fazer coletivo vivenciado no período em que residiram na zona rural, cuja prerrogativa é a solidariedade e ajuda mútua (CALDEIRA, p. 10, 1957). Embora ainda ocorram esporadicamente, os relatos apontam a maior evidência dessas práticas, até a década de 1970. Quando um camponês necessitava de ajuda para limpar o pasto, rego d’água ou colheita, recorria à ajuda dos vizinhos, ou recebia tal apoio, organizado de forma secreta, onde o ‘dono do serviço’, assim chamado pelos camponeses de Pirenópolis, era surpreendido pela chegada dos companheiros que, munidos de ferramentas, se punham a trabalhar.

Nos mutirões, atos práticos e gestos simbólicos (BRANDÃO, p. 44, 2008) se agregam e consolidam um momento único em que festa, religiosidade e trabalho não representam quebra alguma no cotidiano, mas partes indispensáveis à relação com o lugar vivido, percebido e imaginado (ressignificados). São momentos de partilha (BRANDÃO, p. 152, 1995), os quais, recordados pelos sujeitos desta pesquisa, dão substância e luz às experiências coletivas do labor rural em Pirenópolis.

A questão da propriedade da terra foi bastante relevante na forma de migração para a cidade, tendo em vista que todos os sujeitos desta pesquisa migraram para a zona urbana de Pirenópolis. Aqueles cujas famílias, possuíam terra, em geral pequenas propriedades, vieram para a cidade e aí permaneceram com o intuito de estudar, trabalhar ou se casar. Por outro lado, aqueles que não eram detentores de propriedade alguma, percorreram longas distâncias, se estabelecendo em diversos lugares, em busca de trabalho na terra dos outros. Embora sejam duas situações distintas, as vivências de ajuda mútua são comuns às experiências de ambos os grupos, guardados os devidos contextos.

Cada um desses camponeses, relatou a importância dos aprendizados, vividos no campo, dos valores e afeto consolidados nas relações familiares, num cotidiano permeado pelo trabalho que embora fosse muito pesado, proporcionava a vida, nutrição e socialização, em meio a situações difíceis e de isolamento, em que só se podia contar com a solidariedade (MAUSS, 2013, p. 13).

Essas experiências internalizadas migraram com todos eles para a cidade, estabelecendo um vínculo com a vida rural, ligando-os àquele lugar onde tantas lembranças reforçam a saudade. Aos poucos cavaram novos espaços para realizar algo que fosse relevante em suas vidas já marcadas, nos quais o trabalho tivesse significados mais profundos.

Na cidade, cada um dos doze camponeses, precisou compartilhar a experiência do trabalho entre a prática voltada para a sobrevivência, meramente com a finalidade de obtenção de recursos financeiros, e com o trabalho-ação (ARENDT, 2007, p. 15), para nutrir a alma e fortalecer vínculos sociais permeados de devoção e festas. Na cidade, embora predomine a “lógica do planejamento racional, do resultado e do lucro isso não é suficiente para soterrar a festividade camponesa” (PESSOA, 2005, p. 27).

Esses migrantes se colocaram à frente de folias, festa juninas tradicionais, cavalhadas, procissões, novenas, enfeitar altares de folia, da comensalidade nas festas tradicionais, estabelecendo ou fortalecendo atualmente, complexas redes sociais e geográficas, que representam “um conjunto de pontos (localizações) articulados entre si por vias e fluxos” (MAIA, 2002, p. 38), pois todos eles circulam por diversas localidades e grupos materializando tais eventos durante todo o ano. Essas redes representam construções humanas, “são elaboradas no âmbito de relações sociais de toda ordem, envolvendo poder e cooperação, além daquelas de outras esferas da vida” (CORRÊA, 2011, p. 200).

Segundo Bordieu (2007, p. 182), há uma esfera social, que se inscreve em nós, que compartilhamos, ressignificando-a. Nesse contexto, relatos e registros de mutirões, cantos de trabalho e a religiosidade passam a ser ferramentas simbólicas de trabalho que, assim como uma alavanca, o impulsionam tanto internamente, na sua individualidade, quanto coletivamente o fortalecem, como quando as mãos são dadas ao se carregar um fardo, tornando-o leve. Representam anseios, esperanças e potencialidades, trazendo em seu bojo, valores, saberes, tradições, lutas e a memória dos pirenopolinos.

Material e Métodos

Essa pesquisa desenvolve-se na cidade de Pirenópolis, Goiás, tendo como elemento norteador, as histórias de vida e relatos de experiências de trabalho coletivo, na forma de mutirões, na zona rural e urbana, vivenciados por doze camponeses e narradas à pesquisadora. Além das fontes bibliográficas, conta-se também com fontes primárias e manuscritos como, o diário de uma das entrevistadas, em que há o relato de três mutirões de festa, ou os mapas do Núcleo de Controle de Vetores, da Secretaria Municipal de Saúde de Pirenópolis, Goiás, que retratam localidades rurais, cujas denominações, estabelecidas pelas comunidades, não constam de mapas oficiais. Em relação ao diário, pode-se apreender como a narradora percebe e registra esses momentos festivos: as representações, religiosidade, musicalidade, relações sociais, conflitos e a relação com o espaço vivido.

A metodologia dessa pesquisa consiste em entrevistar os sujeitos, transcrever tais entrevistas e a partir desse material, sistematizar as informações relacionadas

ao trabalho na forma de mutirões, na perspectiva da memória individual e coletiva ou social.

Tais registros de memória possibilitam mapear as comunidades rurais descritas e analisar experiências de mutirões, relação entre ciclos de cultivo e ciclos festivos, a crise do trabalho camponês e a ressignificação do trabalho solidário na zona urbana, através de relatos de memória, entrevistas e pesquisa de campo.

Seguindo um caminho compreensivo-descritivo, a fim de observar/inferir/concluir-se, intenta-se uma análise dos relatos de histórias de vida, aspectos simbólicos e estudo comparado dos mutirões rurais e urbanos, pelos elementos que o cercam (o trabalho, os cantos, a religiosidade) na relação da sua historicidade com a produção de um lugar cuja paisagem perpetua os valores e as identidades culturais pirenopolinas.

O desenvolvimento do trabalho sustentar-se-á fundamentalmente na pesquisa documental e de campo alicerçando-se nas consultas bibliográficas. A pesquisa bibliográfica levará em conta o levantamento histórico, a inferência de teóricos que discutem as categorias mutirão/trabalho, lugar, história de vida/memória.

Resultados e Discussão

Até o momento realizou-se pesquisa bibliográfica, análise do diário de Treição escrito por uma das entrevistadas em 1970, entrevistas com os doze camponeses, transcrição das entrevistas e algumas análises. Tais memórias e histórias de vida revelaram importantes aspectos do cotidiano daqueles que viveram/vivem a construção de práticas e representações através do trabalho (BOSI, 2004, p. 86).

O que se apreendeu até o momento, é que, em Pirenópolis, para grande parte das famílias camponesas a passagem do rural ao urbano, no qual o camponês, em busca de melhores condições de vida, se estabeleceu na grande maioria dos casos, na borda das cidades, esteve repleta de muitas dificuldades, superações, resistências e adaptações.

Esse fluxo de ocupação dos espaços urbanos não trouxe apenas as pessoas para a cidade, mas suas representações e identidades, expressas em mutirões urbanos com ações solidárias ligadas principalmente às inúmeras festas religiosas do município, sendo o trabalho, fator que materializa tais festividades.

Outra observação interessante é o fato do trabalho rural com múltiplos sentidos, se fragmentar na cidade entre o trabalho para a sobrevivência do corpo e o trabalho para a sobrevivência do espírito (ARENDT, 2007, p. 16), fixando-se aí, principalmente, as práticas coletivas.

Além disso, percebe-se o funcionamento de redes festivas em que o trabalho com ajuda mútua, não assalariado e solidário, se faz presente, demandando a participação incondicional desses personagens, muitas vezes, norteando datas de eventos para que possam participar de várias festas.

Considerações Finais

Em Pirenópolis há pequenas comunidades rurais e familiares que ainda utilizam, de alguma forma, os mutirões como prática de trabalho onde laços afetivos, religiosidades, representações simbólicas e necessidade de colaboração, para assegurar o sustento e apoio na lida no campo, fortalecem as práticas solidárias.

Na atualidade, essas práticas se presentificam principalmente em mutirões festivos e religiosos. Percebe-se profunda ligação familiar em que diversas redes se consolidam, agregando espaços urbanos e rurais, nos quais as pessoas se encontram para realizar coletivamente, trabalhos diversos que assegurem a estrutura da propriedade rural, festas familiares e tradições religiosas (folias, rezas, novenas, terços).

Agradecimentos

Agradeço a Deus, minha família, orientadora, professores e colegas pela ajuda e presença.

Referências

ARENDT, Hannah. **A condição Humana**. 10ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BACHELARD, G. **O novo espírito científico; A Poética do Espaço**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. 214 p.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Festas de Trabalho**. In: Cultura Popular e Educação: Salto para o Futuro. TV Escola/SEED/MEC Brasília, 2008.

_____. **A partilha da vida**. Taubaté: GEIC, Cabral, 1995.

CALDEIRA, Clóvis Mutirão. **Formas de Ajuda Mútuas no Meio Rural..** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

CORRÊA, Roberto de Lobato. **Redes geográficas: reflexões sobre um tema persistente**. Grupo de Estudos Urbanos-Cidades Volume 9 Número 16, 2011.

CURADO, João Guilherme da Trindade. **Lagolândia – Paisagens de Festa e de Fé: uma comunidade percebida pelas festividades**. (318 f.) Tese de Doutorado. IESA/UFG, Goiânia, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. **Enlaces de um mundo festivo – Pirenópolis: a tradição cavalheiresca e sua rede organizacional**. (300f.) Tese de Doutorado. UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Cosacnaify Portátil 25: São Paulo, 2013.

PESSOA, Jadir. **Saberes em Festa**. Goiania: Kelps/UCG, 2005

SANTOS, Rossevelt José. **A dimensão cultural das paisagens rurais do cerrado**. In: ALMEIDA, G. de. RATTIS, A. G. P. (Orgs.). Geografia: Leituras Culturais. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 133-158.